

JUVENTUDES RURAIS NAS NEGOCIAÇÕES IDENTITÁRIAS

Hadson Bertoldo Sales Lima¹

Resumo: O presente texto pretende dar conta da compreensão da categoria juventude a partir das redes de relações tecidas entre esta e os contextos socioculturais pelos quais transita, regendo, assim, as ações e modulando, não somente concepções do mundo dos jovens rurais, mas suas identidades. Pensando a categoria juventude rural não somente como destinada à reprodução da agricultura familiar e suas simbologias, mas como um grupo social diverso e plural, trago as negociações desenvolvidas pelo grupo que em meio às práticas desenvolvimentistas de planificação e homogeneização das identidades busca agenciar, de forma temporária ou definitiva, o trânsito entre práticas simbólicas de identificações homogêneas e ou heterogêneas. Para tal, recorro a autores como Pais (2009), Marin (2019) e Froehlich (2019) para discutir as categorias juventudes e juventudes rurais a partir de uma concepção histórica, social, cultural e Hall (1992), Hall (1992) e Woodward (2000) para trazer o debate acerca das identidades e seus constantes movimentos.

Palavras-chave: juventudes, identidade, negociação identitária

É no mundo contemporâneo – palco uma crescente imbricação entre o individual e o coletivo, entre o local e global – que jovens rurais tentam construir proposições que desaguam nos contornos que definam suas identidades. Nesse caminho, a presente discussão tem como objetivo mapear pensamentos que possam observar os processos de construções e negociações identitárias dos jovens rurais a partir do viés da pós-modernidade² e do discurso desenvolvimentista.

Sendo esse um exercício arriscado e difícil a proposta apresentada não tem caráter modulador, argumentando que indivíduos que nascem na área rural devam permanecer no espaço e reproduzir os papéis e expectativas futuras ligadas ao processo de desenvolvimento das práticas agrícolas, mas tem o intuito de apontar vias de possibilidades pautadas no reconhecimento das demandas desses sujeitos para que sejam reconhecidos como categoria social dotada de direitos e que devem ser

¹ Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia– UNEB. E-mail. hadsonbertoldo@hotmail.com.

² A pós-modernidade é percebida antes como um aperfeiçoamento das tendências antinômicas do modernismo como desejo, o instinto e o prazer para levar a lógica modernista às suas últimas consequências, exacerbando as tensões estruturais da sociedade e d disjunção dos domínios (FEATHERSTONE, 1995, p.26).

instrumentalizados de políticas que possam garantir a continuidade e sucessão nos espaços rurais ou em qualquer outro.

Para delinear o contexto apresentado, trago a compreensão de submissão econômica, política e cultural brasileira como fruto de um planejamento cuidadosamente elaborado pelo governo dos Estados Unidos. Este é o protagonista responsável pela construção de representações sobre comportamentos, planos de vida e identidades, principalmente as juvenis e mais que isso, foi responsável por criar a noção de juventude rural consolidada por meio de representações modernizantes, assumindo valores universalistas, cosmopolitas tecnocráticos e consumistas. (Froehlich, 2019).

Junto aos argumentos supracitados, trago as linhas que configuram as discussões que irão conduzir o debate acerca da categoria identidade. Compreendendo-a como matéria resultante dos processos inconscientes possibilitados pelo contato com os contextos socioculturais, a identidade deve ser pensada no plural já que esta não é inata e permanente, mas sim incompleta e vive em constante fluxo.

Sigamos, então, nesse primeiro momento os fluxos e as trilhas da construção do padrão de jovem que nos atravessa, reivindicando uma perspectiva social e existencial que possa abarcar outras identidades, outras demandas.

A construção das juventudes: quando o “jovem padrão de qualidade global” não dá conta das demandas

Rogério é um rapaz de classe média urbana, nascido em São Paulo em meados da década de 60. Quando criança, fechado em seu apartamento, assistia durante horas e mais horas a TV, enquanto sua mãe se ocupava dos afazeres domésticos... Quando crescesse, pensava ele, seria como Falcon. Seu pai dissera uma vez que sempre houve e haveria guerras. Pois então ele também teria a sua e se tornaria um verdadeiro herói... Hoje naturalmente são outros os seus interesses. Faz computação e logo começará um estágio remunerado numa empresa estrangeira com a perspectiva de um aperfeiçoamento nos States. É campeão do vídeo game, mas gosta mesmo de jogar snooker na casa de praia do seu tio. Pratica surf nos fins de semana e toma whisky on the rocks quando chega em casa e encontra seu pai recebendo alguns amigos... O que ele curte mesmo é um copinho com a mocada, lá no Johnnie's ou no Stop Here. Veste-se na última moda, dá um realce aqui e ali, e as garotas dizem que parece cantor de rock da revista Bizz. (Alves, 1988, p. 13-14).

O rapaz acima ocupa o lugar que Alves (1988) irá chamar de “jovem padrão de qualidade global”. Segundo a autora, todo nós somos, alguns mais, outros menos, como Rogério: frutos da disseminação de elementos produzidos fora do Brasil. Essa disseminação, que foi a nós imposta por um sistema ideológico veiculado pelos meios modernos de comunicação em massa, bem como pelos objetos e mantimentos que consumimos, dão contorno aos nossos hábitos, valores, preferências e até mesmo às identidades, principalmente a identidade juvenil.

Alves (1988) trata dessa onda invasora derramada em nosso território e processo de submissão econômica, política e cultural como fruto de um planejamento cuidadosamente elaborado pelo governo dos Estados Unidos sobretudo durante o período de política getulista de desenvolvimento industrial³. Essa onda chega a nosso país pela porta da frente, usando a dependência econômica do Brasil aos Estados Unidos, garantindo-lhe o alinhamento brasileiro ao seu lado contra a expansão do socialismo e ainda à entrada de empresas multinacionais de origem estadunidense no mercado nacional.

Essas indústrias estadunidenses seriam responsáveis não somente por mostrar as garras do capitalismo industrial, que utiliza tecnologia e modelos de produção oriundo dos EUA, mas por criar imposição em representações de modelos que recaem sobre os sentidos e comportamentos dos indivíduos. Voltando ao jovem, Rogério, da narrativa é possível observar as influências extremamente marcantes a ponto de tomá-las únicas e absolutas. Rogério partilha atributos sociais e econômicos que construíram e ainda constrói os contornos demarcadores da fronteira entre aqueles que representam a “norma” e estão, assim, em consonância com os padrões socioculturais— jovem classe média, urbano, branco, heterossexual – e aqueles que ficam fora dela, à margem.

Esses demarcadores de padrões não comportam dimensões outras sobre o universo juvenil, desvia e desconsidera processos sociais e culturais que são plurais na construção das identidades, como veremos mais adiante com os processos das juventudes rurais. Dessa forma, mais que uma fase da vida, ao pensar juventude é

³ Período caracterizado pela eliminação de impostos interestaduais, desenvolvimento de uma rede de transporte que ligava os arquipélagos econômicos regionais (Sudestes, Nordeste e Sul) e que apoiou o setor industrial através de investimentos no setor de bens de consumo.

preciso falar sobre mecanismos de enfrentamento, marcadores e dispositivos que formam as identidades desses sujeitos, entendendo-os como plurais e produto das relações antagônicas de classe e de poder. Abordar as discussões acerca das juventudes nos permite pensar, dessa forma, a relação com o tempo, no que essa categoria tem para contar sobre sua geração e os contextos histórico-espacial-social nos quais estão inserida, garantindo, assim, evitar distorções e generalizações relativas ao debate.

Imbuído por esse ideário, Pais (2009) constrói uma longa e importante contribuição teórica. Para o autor, a juventude pode ser pensada como homogênea e heterogênea. Pensemos, então, os momentos em que essas situações ocorrem: quando consideramos que esses indivíduos compartilham valores e representações que servirão de parâmetro na construção de suas subjetividades, como por exemplo, o culto ao corpo ou o apego ao materialismo, observamos um conjunto de idealizações que farão desses um grupo uniforme. Agora, se refletirmos pela perspectiva dos contextos social/cultural/espacial/cultural em que os indivíduos dessa fase estão inseridos, pensaremos as juventudes como uma construção histórica permeada por condicionantes que fazem delas um lugar heterogêneo.

É pensando a juventude como categoria heterogênea que particularizo o recorte da discussão aqui levantada e trago as pautas evocadas por Marin (2019) acerca das juventudes rurais. Sendo necessário apontar sobre qual viés este se fundamenta e compreende essas juventudes, o autor citado propõe – e aqui observamos uma aproximação com a perspectiva de juventude heterogênea de Pais (2009) – a observação dos construtos juventude rural a partir da análise dos contextos histórico-sociais, das variáveis tempo e espaço, levando em consideração as interações que são construídas entre as dimensões do mundo objetivo com as representações que são criadas em torno dessa categoria.

Para fundamentar tal postulado, Marin (2019) propõe um caminho metodológico pautado nas análises das especificidades dos processos de inserção da categoria socioprofissional designada por ele como agricultura familiar⁴. A este propósito o autor

⁴ A agricultura familiar é aquela atividade que utiliza a mão de obra da família, sendo a principal responsável pela produção de alimentos no país. Segundo dados da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agrário, esse tipo de agricultura constitui a base econômica de 90 % dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes, responde por 35% do Produto Interno Bruto do Brasil e absorve 40% da população economicamente ativa do país.

aponta que esta trilha de abordagem proporciona a análise das particularidades das formas com que as famílias se apropriam dos meios de produção, como organizam o trabalho familiar criando, assim, correlações econômicas, políticas e culturais no espaço onde estão inseridos os jovens, comunidade de pertença e construção das representações

Assim, como a logística da agricultura familiar está umbilicalmente relacionada a uma organização produtiva em que a família trabalha nas terras e ao mesmo tempo em que se caracteriza como a proprietária dos meios de produção, tal condição social possibilita observar, nestas relações de trabalho, questões como gestão, força de trabalho, formas de sociabilidade familiar e comunitária, formas de inserção no mercado de trabalho, consumo de bens e serviços, além de ponderar as demandas da categoria juvenil no que tange às questões relacionadas às necessidades aspirações, reivindicações e projetos de vida. Assim, Marin (2019, p.61) defende seu entendimento pela categoria juventude rural, suas dimensões, configurações, concluindo:

As juventudes rurais são apreendidas como construções sociais, contextualizadas em dimensões históricas e territoriais, que confluem em diferenciadas configurações sociais e também distintos processos de autonomização, que podem passar pela sucessão hereditária na agricultura familiar, pela agregação ao trabalho ou pela vinculação em instituições escolares. Dessa forma, a juventude rural é considerada uma categoria social, que apresenta demarcadores etários, mas cuja compreensão requer análise das relações em que os jovens estão inseridos nos distintos contextos históricos, sociais e espaciais.

Muito além de uma fase da vida, esta compreensão das juventudes rurais como construto histórico-social requer que se analisem os contextos econômicos, sociais e culturais em que o jovem está inserido, bem como as particularidades das relações tecidas com o outro e consigo, no jogo de enfrentamento e ou dominação, hierarquização, elementos que irão deságuam na formulação dos contornos identitários.

A construção de uma identidade moderna da noção de juventude vivenciou processos de homogeneização cultural e identitária que visam atender às demandas necessárias à consolidação do modelo desenvolvimentista em escala global ou pelo menos ocidental. Durante as décadas de 1950 a 1970 predominaram os valores e as práticas orientadas pelo ideal desenvolvimentista, concretizando o projeto da

modernidade ocidental pautado na crença da objetividade científica, no progresso tecnológico e social, no crescimento econômico via industrialização. (Froehlich, 2019).

Todo esse cenário formula condições e efetiva a construção social de outra perspectiva acerca da noção de juventude. Aqui caberia às juventudes a demonstração do ideário de vida propugnado pela noção de progresso, inovação e difusão tecnológica. Esse pacote de ideários destinado a diferenciar um grupo de indivíduos vinculados às novas gerações impondo o comportamento que deveriam assumir os jovens vem, como já foi dito anteriormente, importado dos Estados Unidos e chega na América Latina durante a Guerra Fria. Medidas políticas e legislativas realizadas pelos Estados Unidos com vista a estabelecer condições de convivência cotidiana e instruir os comportamentos sociais, comportamentais e culturais chegam até o jovem rural através da institucionalização das escolas rurais e das diversas políticas públicas que visavam a formação e atuação de um novo profissional da produção agropecuária. (Froehlich, 2019).

Vai ser através dessa mesma via que os mecanismos de representação das juventudes rurais — consolidada por meio de representações modernizantes, assumindo valores supostamente universalistas, nacionalistas e por vezes cosmopolitas e consumistas— serão construídos. As pautas levantadas e discutidas para a composição identitária da noção de juventude rural mostrada até aqui dialoga com a discussão inicial trazida por Alves (1988) ao caracterizar uma narrativa que aponta para uma rede identitária de juventude amplamente referenciada em vivências e valores urbano-industrial, convergindo com a perspectiva de juventude homogênea de Pais (2009) quando a esta é conferindo atributos consumistas mediante atributos de beleza, força, glamourização de comportamentos e estilos de vida que passariam a ter difusão global e construir modelos de identidade que os jovens rurais também poderiam ou, melhor, deveriam almejar e ser.

Uma vez que já trouxe pistas para justificar a escolha da discussão acerca das identidades, se faz necessário o debate acerca dessa categoria, seus deslocamentos e negociações e estratégias, porém é preciso informar que não se trata de uma tarefa tranquila.

Pensando as identidades e suas estratégias

Como forma de tecer linhas que configuram um debate acerca da abordagem das identidades e sua negociação entre níveis distintos da realidade, trago, inicialmente, a percepção de identidade como uma matéria resultante dos processos contínuos de trocas exteriores e interiores em substantivas relações com os contextos sociais e culturais pelos quais perpassam. Em consonância com essa abordagem pensemos as contribuições de Hall (1992) e o percurso histórico percorrido pelo autor para chegar à classificação de identidade na pós-modernidade.

Para essa construção, Hall (1992) lança mão de apresentar três concepções de identidade: a identidade do sujeito do iluminismo, a do sujeito moderno e a do sujeito pós-moderno. Na primeira concepção o sujeito está pautado na razão, no controle de suas ações da história. Cheio de essência, centrado e unificado, a identidade tem, nessa concepção, o mesmo contorno, que emerge do indivíduo no nascimento e permanece o mesmo ao longo de sua existência, pois o centro essencial do eu, nesse contexto histórico, era a identidade de uma pessoa.

Seguindo a trilha proposta pelo autor supracitado, pensemos a segunda concepção, a do sujeito social. De acordo com essa noção a identidade preenche o espaço entre o interior e o exterior, entre o mundo pessoal e o público, aqui o sujeito é representado como essência individual, mas é transformado pela interação social, assim o sujeito produz o mundo e é produzido por este. A identidade é vista como resultante da interação entre o indivíduo e as outras pessoas que fazem parte de seu ciclo social.

À terceira concepção cabe apresentar o que Hall (1992) irá chamar de sujeito pós-moderno, aquele caracterizado pela ausência de uma identidade permanente, essencial, fixa. Nessa perspectiva refere-se a um sujeito deslocado, sem certezas, perplexo diante do leque de referências e possibilidades que lhes são apresentadas. Essas múltiplas identidades que serão algumas vezes contraditórias e transformada pela relação criada com os sistemas culturais que nos circundam é, assim, resultante do movimento promovido pelo contexto social e das relações do indivíduo com o espaço em que está inserido. Dessa forma não devemos defender a existência de um sujeito

inerte, mas entendê-lo como plural e complexo, uma matéria em construção contínua, como aponta Lima (2017, p.77):

São os processos inconscientes os responsáveis por formar a identidade que, por sua vez, não é inata e permanente, mas sempre incompleta, em constante fluxo, preenchida a partir de nosso exterior, e que depende de como nos imaginamos e de como podemos ser vistos pelo(s) outro(s). Portanto, não os cabe falar de identidade e sim 'identidades' que por meio das diferenças se afirmam e constituem no universo cultural e social.

A trilha percorrida por esses sujeitos na descoberta das “identidades” caracteriza o que Froehlich (2019) vai chamar de processo de classificação e reclassificação. O autor citado assume que são através das estratégias identitárias⁵ que os atuais entendimentos sobre a noção de identidade sinalizam para percepção de categorias que são socialmente construídas. Com isso, pretende-se dizer que um grupo busca criar referências construídas a partir de elementos culturais de outros grupos, classificando e reclassificando simbologias que serão incorporadas ou não ao conjunto identitário. Atravessados e marcados por esse movimento, os jovens rurais apresentam uma luta não somente pela busca de políticas públicas que lhes possibilitem a criação de melhor condição econômica junto à comunidade de pertença ou em outros espaços, mas por buscar entender os processos pelos quais são observados os deslocamentos tanto do seu lugar sociocultural, quanto de si mesmo.

O que se observa com debate, trazido até aqui, acerca do discurso que permeia o imaginário das juventudes modernas em adaptar-se ou não ao às práticas e concepções desenvolvimentistas é fruto das grandes interferências e transformações das realidades sociais contemporâneas que planificam e buscam homogeneizar as realidades individuais a partir da criação de modelos universais de identidade. Nesse conjunto de propostas de mudanças sociais defendidas e difundidas, em nome do modelo desenvolvimentista, o que se observa são expressões de homogeneização cultural e identitária. (Froehlich, 2019).

Essa crise possibilita que pensemos a sociedade como reflexo de poderosas forças que se entrelaçam de maneira direta com a vida individual e, portanto, com a

⁵ Mobilizações políticas das identidades sociais e culturais, transformando-se de acordo com as necessidades socioculturais. (Froehlich, 2019).

identidade. A experiência da modernidade dificulta que pensemos as disposições individuais isoladas das intervenções de elementos globais. Observando o arranjo entre as influências globais e a construção das identidades Woodward (2000) promove o debate fomentando a ideia de que símbolos desse processo fornecem e dão sentido às experiências, podendo acontecer o movimento de aversão às simbologias globais e, assim, o reafirmamento das identidades, como também pode acontecer de surgir um outra via que superponha as identidades surgindo novas posições de identidades.

É nesse cenário que jovens rurais, sujeitos historicamente invisibilizados e carentes de projetos de desenvolvimento voltados para o mundo rural, passam transitar, não somente seus corpos, entre os espaços rurais dotados de simbologias próprias, e o urbano, mas também é observado uma mobilidade simbólica identitária que permite a esse jovem, de forma temporária ou definitiva, sentir-se pertencente a uma e ou a outra cultura.

Essa prática simbólica de identificação é decorrente da visão estereotipada e de invisibilidade, onde é observada a inserção desses sujeitos no mundo pós-moderno em um contexto de crise da agricultura familiar e de processos econômicos recentes que transformam o rural em um espaço cada vez mais heterogêneo, diversificando não exclusivamente o que é agrícola, mas também o identificar-se. Aos olhos das juventudes rurais essa dinâmica de diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, combinada com o agravamento da situação de falta de perspectivas para os que vivem da agricultura, possibilitando, assim, uma margem de negociação entre níveis distintos da realidade. Aqui os sujeitos envolvidos deveriam estar cientes das artimanhas dos processos e, assim, pensar sobre suas escolhas, pois quando esse direito é negado o que há é a caracterização da alienação.

É no processo de reivindicação acerca de suas demandas e por qual via seguir ao identificar-se com os grupos hegemônicos ou os grupos de pertença que os jovens rurais têm agenciado suas identidades com o intuito de colocar em cena novos atores e processos de identificação, que aqui chamarei de jovens cartógrafos.

Os jovens cartógrafos e as possíveis considerações finais

Imaginar o sujeito deslocado, ausente de identidades permanentes e fixas foi o percurso eleito para analisar as formas como o pensamento ocidental pós-moderno produz noções de identificações que atravessam diretamente a categoria juventude. Perplexo ao se deparar com um leque de referências, possibilidades e uma série de identidades que se configuram das interferências ocasionadas a partir da relação criada com sistemas culturais e das realidades sociais, jovens rurais têm se deparado com demarcadores sociais, culturais, econômicos para criar hierarquias com relação aos espaços rurais e urbano, levando-os, em alguns momentos, ao afastamento das simbologias e elementos culturais próprios e tomando como referência elementos de outros grupos.

Essa realidade é observada não somente nos fluxos migratórios de jovens do ambiente rural para o urbano, mas também ao transitarem temporária ou definitivamente entre as práticas simbólicas de identificação que lhes forem convenientes, visando, por vezes, encontrar validação de outros grupos. O trânsito desempenhado por esses corpos nos faz pensar os deslocamentos de paisagens psicossociais que podem ser lidos pela cartografia. Sobre o tema Rolnik (1989) nos possibilita pensar que essas paisagens são frutos do mundo que busca expressar os artefatos contemporâneos no embate com o mundo obsoleto. Montando e desmontando os mundos obsoletos e contemporâneos, cabe, então, à cartografia acompanhar o movimento de transformação das paisagens, interpretando os corpos que se movem e desse trajeto elabora desenhos que servirão de elemento para compor as paisagens. Ao cartógrafo cabe, sendo a autora:

Sendo a tarefa do cartógrafo dar língua para afetas que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago. (ROLNIK, 1989, p. 23)

Atentos e mergulhados nas intensidades de seu tempo e tendo suas identidades mobilizadas a contornadas a partir da identificação com o discurso e as práticas desenvolvimentistas, os jovens rurais são cartógrafos. Sujeitos contemporâneos que vivencia a pós-modernidade e se mostram antropófago, no sentido de incorporar

marcadores e deglutir identidades outras para (re)produzir a sua. Veiculado- se ao novo (novas linguagens, novos contextos socioculturais, novos espaços) o jovem rural cartógrafo desenvolve estratégias mantendo uma relação política entre os grupos e espaços por onde (re)constrói suas identidades.

Sempre em cena, o jovem rural cartógrafo buscará elementos para montar as suas paisagens, demonstrando por vezes demarcadores que lhes colocarão no padrão identitário contribuindo com elementos de um grupo uniforme, sendo, nesse momento, classificado como um conjunto homogêneo. Não dando conta das demandas do processo criativo das paisagens das identidades, por outras vezes o jovem rural cartógrafo vai preferir vivenciar o conflito do contraste na busca fluida por suas identidades. Nessa busca, percebe-se, desterritorializa-se e incorpora a unimultiplicidade, sendo individual no plural.

REFERÊNCIAS

ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. São Paulo: Moderna, 21 ed. 1988.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e pós-modernismo**. São Paulo, Studio Nobel, 1995.

FROEHLICH, José Marcos. **Juventudes (Rurais): construções identitárias e abordagem territorial do desenvolvimento**. In: MARIN, Joel Orlando Bevilaqua e FROEHLICH, José Marcos. *Juventudes rurais e desenvolvimento territorial*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2019. p.67-97.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1992;
ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental, as transformações contemporâneas do desejo**. Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

LIMA, Hadson Bertoldo Sales. **Cantoria: estratégia e representação da cultura popular do território do Sisal na negociação das identidades**. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) Universidade do Estado da Bahia – Alagoinhas, 2017.

MARIN, Joel Orlando Bevilaqua. **Juventudes Rurais: processos sociais e temáticas de pesquisa**. In: MARIN, Joel Orlando Bevilaqua e FROEHLICH, José Marcos. *Juventudes rurais e desenvolvimento territorial*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2019. p.35-66.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude: alguns atributos**. *Análise Social*. V. 01. XXV (105-106), 1990.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: _____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos Culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, Rj: Vozes, 2000.